



CURSO DE LICENCIATURA EM GEOGRAFIA

Lucas Elyseu Rocha Narcizo Mendes

**HISTÓRIA EM QUADRINHO E ENSINO DE GEOGRAFIA:
UM DIÁLOGO POSSÍVEL E NECESSÁRIO**

Campos dos Goytacazes, RJ
2018

LUCAS ELYSEU ROCHA NARCIZO MENDES

**HISTÓRIA EM QUADRINHO E ENSINO DE GEOGRAFIA:
UM DIÁLOGO POSSÍVEL E NECESSÁRIO**

Monografia apresentada como requisito parcial para obtenção do título de Licenciatura em Geografia, em curso de graduação oferecido pela Universidade Federal Fluminense, *campus* Campos dos Goytacazes.

Orientador: Prof^a Dra. Elis de Araujo Miranda

Campos dos Goytacazes, RJ
Outubro de 2018

LUCAS ELYSEU ROCHA NARCIZO MENDES

**HISTÓRIA EM QUADRINHO E ENSINO DE GEOGRAFIA:
UM DIÁLOGO POSSÍVEL E NECESSÁRIO**

Monografia apresentada como requisito parcial para obtenção do título de Licenciatura em Geografia, em curso de graduação oferecido pela Universidade Federal Fluminense, campus Campos dos Goytacazes.

Aprovado em: _____

Banca Examinadora:

Professora Doutora Elis de Araújo Miranda (Orientadora)
Universidade Federal Fluminense – Campos dos Goytacazes

Professor Doutor Marcelo Werner da Silva
Universidade Federal Fluminense – Campos dos Goytacazes

Professora Doutora Tatiana Tramontani Ramos
Universidade Federal Fluminense – Campos dos Goytacazes

Aos meus avós,
Geraldo e José Luiz,
in memoriam.

AGRADECIMENTOS

Em cinco anos, muitas pessoas passaram e contribuíram com a minha formação de professor de geografia. Porém, explico meu agradecimento a minha querida e amada mãe, Ludmilla Elyseu, por sempre acreditar em meu potencial frente a qualquer coisa que faça. Ao meu pai Fabiano e minha avó Rod, também agradeço o total apoio dado a mim. Agradeço à minha companheira Emille Rocha por me sustentar nos momentos de aflição e tristeza, e me fortalecer enquanto espírito neste espaço geográfico que estamos inseridos. Ao meu irmão Phill, obrigado por sempre me apoiar em minhas viagens geográficas, ao longo de nossos roles pelo Méier e pela Tijuca. Méier, obrigado por tanta inspiração! Hélio Passos e Huriah de Oliveira, sem vocês e nossas provocações acerca do conhecimento geográfico e a vida, este trabalho teria um vazio enorme, muito obrigado. Agradeço também, a todos os professores do departamento de geografia do polo universitário de Campos dos Goytacazes, por terem contribuído na minha formação, não apenas de Geógrafo e professor, mas como também, cidadão do mundo. E por fim, mas tão importante quanto, agradeço à minha fé e a quem me guia por esta concretização.

*"Você sabe eu sou do Méier"
(Samba do Meyer)
Joao Nogueira.*

RESUMO

MENDES. Lucas Elyseu Rocha Narcizo. **História em quadrinho e ensino de geografia: um diálogo possível e necessário**. 2018. 53 p. Monografia (Graduação em Licenciatura em Geografia). Universidade Federal Fluminense, Campos dos Goytacazes, RJ, 2019.

Como objeto de estudo, apresentará uma metodologia para o ensino da categoria espacial denominada lugar, através da elaboração de uma história em quadrinhos. Aplicamos a metodologia em uma turma do oitavo ano do ensino fundamental da rede municipal de ensino, o Centro Educacional Municipal do Sindicato dos Trabalhadores na Indústria do Açúcar de Campos (CEMSTIAC) e em uma turma do nono ano do ensino fundamental da rede estadual de ensino Escola Estadual Nilo Peçanha, ambas em Campos dos Goytacazes. O escopo teórico-metodológico encontra-se amparado sobre o conceito de lugar no contexto da história do pensamento geográfico, através da perspectiva da Geografia Humanista e a leitura de autores como: Dardel (2015), Relph (2014) e Tuan (1983; 2012), para então posteriormente discutir acerca do método de ensino do conceito de lugar no contexto da geografia escolar, discutindo sobre a produção de história em quadrinho como ferramenta metodológica para o ensino, em especial para o ensino de geografia. O objetivo geral do trabalho então, encontra-se em elaborar um método de ensino do conceito de lugar, através da elaboração de uma história em quadrinho.

Palavras-chave: Ensino de geografia. Geografia humanista. Lugar e história em quadrinho.

ABSTRACT

MENDES. Lucas Elyseu Rocha Narcizo. **La enseñanza de los cómics y la geografía: el diálogo posible y necesario**. 2018. 53 p. Monografía (Grado de Geografía). Universidad Federal Fluminense, Campos dos Goytacazes, RJ, 2018.

Como objeto de estudio presentará una metodología para la enseñanza de la categoría espacial denominada lugar, a través de la elaboración de un cómic. En el marco de la enseñanza primaria de la red municipal de enseñanza, el Centro Educativo Municipal del Sindicato de los Trabajadores en la Industria del Azúcar de Campos (CEMSTIAC) y en una clase del noveno año de la enseñanza fundamental de la red estatal de enseñanza Escuela Estatal Nilo Peçanha, ambas en Campos dos Goytacazes. El alcance teórico-metodológico se encuentra amparado sobre el concepto de lugar en el contexto de la historia del pensamiento geográfico, a través de la perspectiva de la Geografía Humanista y la lectura de autores como: Dardel (2015), Relph (2014) y Tuan (1983; , para entonces posteriormente discutir la cerca del método de enseñanza del concepto de lugar en el contexto de la geografía escolar, discutiendo sobre la producción de historietas como herramienta metodológica para la enseñanza, en especial para la enseñanza de geografía. El objetivo general del trabajo entonces, se encuentra en elaborar un método de enseñanza del concepto de lugar, a través de la elaboración de un cómic.

Palabras clave: Enseñanza de geografía. Geografía humanista. Lugar y comic.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	09
CAPÍTULO 1	
VIVER E PENSAR GEOGRAFICAMENTE A PARTIR DO CONCEITO DE LUGAR	11
1.1 O conceito: ciência e visão de mundo	11
1.2 Evolução do conceito de lugar na história do pensamento geográfico ..	12
1.3 O conceito de lugar e a geografia de Yi-Fu Tuan	16
CAPÍTULO 2	
A IMPORTÂNCIA DO CONCEITO DE LUGAR PARA A GEOGRAFIA ESCOLAR	20
2.1 O ensino de geografia e o conceito de lugar para a geografia humanista	21
CAPÍTULO 3	
HISTÓRIAS EM QUADRINHOS COMO METODOLOGIA DE ENSINO DO CONCEITO DE LUGAR	23
3.1 História em quadrinhos e geografia	24
3.2 História em quadrinhos e o ensino de geografia	25
CAPÍTULO 4	
“A ARTE DE QUADRINIZAR”	27
4.1 Metodologia	31
4.2 Resultados	32
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	46
REFERÊNCIAS	48

INTRODUÇÃO

Posicionar-se frente ao conhecimento é algo que se faz a todo o instante a partir de nossas intencionalidades. Porém, é importante destacar a partir de Freire (2014) que o conhecimento não tem neutralidade em sua forma de pensar e praticar, pois, está inserido em relações de poder que os define, direcionando-o e condicionando-o a todo o instante.

Como objeto de estudo apresentará uma metodologia para o ensino da categoria espacial denominada lugar, através da elaboração de uma história em quadrinhos. Buscar-se-á criar uma história em quadrinhos para retratar a experiência dos estudantes em um dado espaço-tempo. Aplicamos a metodologia em uma turma do oitavo ano do ensino fundamental da rede municipal de ensino, o Centro Educacional Municipal do Sindicato dos Trabalhadores na Indústria do Açúcar de Campos (CEMSTIAC) e em uma turma do nono ano do ensino fundamental da rede estadual de ensino Escola Estadual Nilo Peçanha, ambas em Campos dos Goytacazes.

O escopo teórico-metodológico do trabalho encontra-se amparado em dois eixos: a) primeiro, sobre o conceito de lugar no contexto da história do pensamento geográfico discutindo sua importância para a construção do pensamento sobre esta categoria espacial, através da perspectiva da Geografia Humanista e a leitura de autores como: Dardel (2015) e Tuan (1983; 2005; 2012). No segundo, trata-se do método de ensino do conceito de lugar no contexto da geografia escolar para estudantes do oitavo e nono ano do ensino fundamental da rede pública, através de expressões artísticas expressas em quadrinhos produzidas pelos mesmos. Discutindo sobre a produção de história em quadrinho como ferramenta metodológica para o ensino, em especial para o ensino de geografia.

Como objetivo geral, temos a elaboração de um método de ensino do conceito do lugar pela elaboração de uma história em quadrinhos por parte dos próprios estudantes, com temas destacados pelos mesmos. Procurando, a partir de suas expressões artísticas, destacar a importância da produção de histórias em quadrinhos para o ensino do conceito de lugar na geografia escolar.

Para fins de alcançarmos o objetivo geral, definimos os seguintes objetivos específicos: i) abordagem do conceito de lugar na história do pensamento geográfico

e para o ensino de geografia; ii) descrição dos lugares vivenciados ou experiência dos pelos estudantes para fins de definir quais serão tratados nas HQS a serem produzidas.

Para tal, o trabalho foi dividido em cinco sessões. Na primeira trataremos “O conceito de lugar para a geografia humanista”, que será debatido a geografia como uma forma de pensamento fundamentada em uma forma de ver e pensar (GOMES, 2017). Na sessão dois traremos para debate a relação do conceito de lugar com o ensino de geografia, a fim de mostrar as potencialidades a serem exploradas para aplicação de um ensino de geografia crítico nas escolas.

No que condiz a terceira sessão, há uma parte dedicada ao objeto: história em quadrinhos. No quarto capítulo intitulado A arte de Quadrinizar, à priori, será feito um debate a respeito do que seria a “A arte de Quadrinizar” (BRUNETTI, 2013) oriundo da análise crítica dos livros didáticos utilizados nas respectivas escolas.

CAPÍTULO 1

VIVER E PENSAR GEOGRAFICAMENTE A PARTIR DO CONCEITO DE LUGAR

Neste capítulo será debatido o que vem a ser Geografia, a fim de expandir nosso conhecimento sobre essa área para além do conhecimento científico. Uma geografia intencionada que tem seu significado variando de indivíduo para indivíduo. Destacada por Gomes (2017) como sendo uma forma potente de organizar o pensamento e posicionar-se no espaço e posteriormente trataremos sobre a evolução do conceito de lugar no âmbito da Geografia Humanista e Cultural.

1.1 Geografia: ciência e visão de mundo

Para Dardel¹ (2015), temos dificuldade de nos desprender da ideia da relação homem com a Terra, através do conhecimento objetivo dado pela geografia científica; uma maneira de pensar o conhecimento, que promove uma imagem universal de dominação do mundo. Porém, o indivíduo em si possui a vontade de conhecer o novo, de percorrer o mundo que o rodeia a fim de explorá-lo. Possuindo uma afetividade, um amor pela sua terra natal, ligados por uma relação concreta com a Terra, na qual o ser a vê como um modo de existência e seu destino (DARDEL, 2015).

Estando essa forma de pensar dividida em uma ciência da descoberta dada por explorações metódicas, hipóteses, recolhimento de imagens, e, uma geografia do inventário, de laboratório: registro de conhecimentos que através de dados estatísticos e gráficos, buscam ver uma geografia sobre as atitudes humanas, ilustrando elementos de nossa existência que não podem ser reduzidos à visão científica. Sendo cada abordagem dada pela intencionalidade de cada um e de suas respectivas experiências, realidade e geograficidade. (HOLZER, 2016).

¹ Eric Dardel foi um precursor da Geografia Humanista. No qual seu livro "*L'homme et la Terre: nature de la réalité géographique*" (1952) veio a ser explorado apenas nos anos 1980 a partir de André-louis Sanguin da Universidade de Québec a fim de comparar sua importância junto aos trabalhos de Wright (HOLZER, 2016).

Por intencionalidade entendemos como cada ato de consciência realizado através de uma experiência intencional direcionada a um objeto. Simultaneamente existem diferentes tipos de intencionalidades, na qual a diferença é dada pelo objeto que direciona nosso ato. (SOKOLOWSKY, 2014).

Na experiência há um mundo vivido e vivência particular, que segundo Freire (1983) é um mundo que significamos, transformamos e somos transformados. Existindo de formas diferentes que variam de acordo com a percepção, recordação e imaginação de cada um, estando a realidade geográfica acompanhada diretamente pelas intencionalidades, eliminando o que não se pode expressar. (TUAN, 1983).

Realidade geográfica, entendida como experiências geográficas que significam o lugar habitado a partir de uma realidade dada; uma experiência que não pode ser substituída pelo saber científico, ou seja, uma geograficidade que se desenvolve segundo um espaço material, e que é dividido em elementos que vão além do que podemos ver e/ou observar a olho nu. Estando sempre ligados a nós, nos potencializando e nos ameaçando. Tornando o lugar habitável, cultivável e navegável. (DARDEL, 2015; HOLZER, 2016).

Assim a geografia vem a ser aqui entendida, como uma área do conhecimento que vai além de sua construção científica. Perpassando por realidades e experiências, que não podem ser substituídas por saberes científicos. Proporcionando, a construção de uma geografia calcada em nossas intencionalidades para com o lugar habitado.

Permitindo o desenvolvimento da capacidade de aprender através da vivência. Transformando o espaço em um fenômeno da experiência cotidiana. Mas que são limitados devido ao padrão hegemônico imposto pela globalização, sendo previsíveis devido a variedade de símbolos que o compõe, como também emoções humanas construídas a partir da linguagem. (TUAN, 1983; MARANDOLA JR, 2016; HOLZER, 1999).

1.2 Evolução do conceito de lugar na história do pensamento geográfico

Buscamos aqui frente à história do pensamento geográfico contextualizar o conceito de lugar para buscar um melhor entendimento sobre sua definição. Tal

contextualização é tida como importante, visto que ao abordarmos Tuan (1983; 2012) inevitavelmente necessitamos entender a importância da geografia humanista para geografia como também seu comprometimento em buscar um rompimento com a forma positivista de se pensar ciência.

Como afirma Horácio Capel (2012), as categorias do pensamento geográfico e das demais ciências são baseadas em interesses, aspirações, valores e concepções de mundo divergentes. Tendo na objetividade uma conquista do ser que a faz objeto do conhecimento. Para através de uma perspectiva científica, segundo Gomes (2011), construir parte de uma realidade única, calcada em uma ideia de determinada época, que representa o mundo e as relações existentes entre o mesmo e o ser humano.

Contudo ao criticarmos um sistema centrado na tradição é necessário compreender que também há um sistema marcando sua oposição definido pelo que não é tradicional, ou seja, sempre haverá um sistema se opondo a outro, reconstruindo uma ordem de pensamento, que a partir de críticas se relaciona através da razão, que serve como mediadora de valores relacionados à produção de saberes. (GOMES, 2011).

Saberes que estão associados a um projeto decimônico – últimos anos do século XVIII e início do século XIX – que considera a ciência positivista um modelo universal válido. Uma união entre a racionalidade e a dominação da natureza, manipulando racionalmente o meio natural, satisfazendo-se. (MENDONZA; JIMÉNEZ; CANTERO, 1994).

Mas por que falar de crise decimônica se o conceito de lugar teve o desenvolvimento de seu debate principalmente a partir do século XX? É importante porque o projeto decimônico sofreu uma crise que rompeu com o horizonte científico positivista, trazendo uma nova forma de traduzir o pensamento geográfico dado por uma diversificação de perspectivas que o envolvem. (MENDONZA; JIMÉNEZ; CANTERO, 1994). Uma dessas formas diversificadas vem a ser a Geografia Humanista, que para Gomes (2011) desembaraça o idealismo e o subjetivismo, reposicionando a importância da existência material como centro das interpretações do indivíduo.

Isto é, uma geografia que tem como objetivo entender os significados, valores e propósitos das ações humanas. Propondo um conhecimento construído pela

existência vital concreta, desenvolvida através da dimensão subjetiva e experiência pessoal de cada um. (CAPEL, 2012).

A epistemologia da palavra humanista, para Holzer (2016), tem como primeira aparição na palavra italiana, datada no ano de 1490, “*umanista*”, posteriormente sendo lida no alemão como “*humanistisch*” no ano de 1784 e da palavra “*humanistic*” do inglês datada em 1845. Sendo incorporada ao espanhol e português no século XX. Assim o pensamento humanista é uma conscientização relacionada aos valores humanos e suas respectivas individualidades, enfatizando o que vem a ser o não científico. (HOLZER, 2016).

Na geografia temos sua inserção no início dos anos 60, com arquitetos e geógrafos interessando-se por questões referentes à percepção, e, suas respectivas potencialidades e negações a respeito da formação de imagens sobre o ambiente, como também com sua influência na ação e modificação do ambiente. No ano de 1965 há um avanço nítido no debate, dado por uma produção de uma seção sobre a percepção e comportamento do entorno no Encontro Anual da Associação de Geógrafos Americanos. Após a seção, em 1967, ocorre outro avanço em relação ao pensamento geográfico humanista, com a publicação do artigo “*Attitudes Toward Environment: themes and approaches*” de Tuan, explicitando a respeito da relação humanista com a geografia, dada pela observação de conceitos como “homem e Terra”, “Terra e vida”, “homem e ambiente”, a fim de entendê-los como ações humanas particulares para com o ambiente, que variam de indivíduo para indivíduo. A partir de 1968 temos a crise universitária pós-68² que tem como base teórica de seus pensamentos o existencialismo, a fenomenologia³, o humanismo (neo) marxista. O início da década de 1970 destaca-se a defesa de tese “*Place and placelessness*” de autoria de Relph, sendo publicado apenas em 1974. (HOLZER, 2016; MARANDOLA JR, 2013).

² Crise Universitária pós 68 foram questionamentos a respeito da postura dos professores enquanto sujeitos autoritários assim como a exigência de uma melhor coordenação de disciplinas oferecidas e melhor organização administrativa educacional, ocorrendo na França (HOLZER, 2016).

³ Por fenomenologia entendemos através da união da palavra phainomenon com a palavra logos. Logos para com uma “*atividade de dar conta*” (SOKOLOWSKI, 2014, p.22) que varia de acordo com as coisas e como aparecem para nós. Fenômeno, por sua vez é um evento lembrado e não antecipado (SOKOLOWSKI, 2014). Sendo então a fenomenologia o entendimento do fenômeno lembrado a partir da ação do indivíduo.

A maçante divulgação das ideias humanistas em periódicos como *“L’espace géographique”*, e a publicação do artigo *“Space and Place: Humanistic Perspective”* debatendo a geografia humanista como campo autônomo do pensamento geográfico. E a publicação de Anne Buttimer intitulada de *“Values in Geography”*, procuram buscar também para Holzer (2016) um reconhecimento da geografia humanista frente ao pensamento científico geográfico.

Em 1976 há o reconhecimento da geografia humanista como campo autônomo devido à publicação de artigos e de livros de Tuan, Buttimer e Relph, como exemplo *“Humanistic Geography”* de Tuan que discute a variedade de significados do termo humanismo, concluindo que seu uso possibilita uma visão mais aberta a respeito do meio. A coletânea organizada por David Ley e Marwyn Samuels no ano de 1978, e outros trabalhos de autoria de expoentes do pensamento geográfico humanista foram também responsáveis pelo desenvolvimento gradativo da perspectiva no debate científico geográfico. (HOLZER, 2016).

Na mesma época segundo Holzer (2016) temos uma das primeiras críticas feitas, a partir de Entrikin. Afirmando que o humanismo se faz segundo velhos vocabulários e novas significações baseadas na fenomenologia e no idealismo. Concomitante em 1977, Relph se posiciona de forma a também criticar a perspectiva humanista complementando o que Entrikin havia criticado; dizendo que a linguagem social é distorcida por significados científicos, não sendo preciso à criação de uma nova linguagem mais a compreensão a respeito de seu esclarecimento, uso e origens (HOLZER, 2016). Porém, destaca Holzer (2016), que a geografia humanista não se restringe ao pensamento científico, preocupando-se com a qualidade do conhecimento humano, a fim de entender as atividades e fenômenos geográficos revelados pela consciência humana. (HOLZER, 2016).

A década de 1980 é marcada pelo aprofundamento da perspectiva humanista na geografia. Dada pela aproximação com outros campos da geografia e das ciências humanas e da filosofia. Como exemplo em 1980 há a publicação do livro *“The Human Experience of Space and Place”* de Buttimer e Seamon, como também Stodard em 1981 com questionamentos a respeito do conhecimento geográfico, sua organização e aplicação no ambiente escolar. (HOLZER, 2016).

No Brasil segundo Marandola Júnior (2013) não ocorreu um movimento concreto humanista. Ao longo das décadas de 1970 e 1980, o que se desenvolveu foram repercussões do eixo humanista sobre a percepção do meio ambiente. Ligado primeiramente ao grupo da Universidade Estadual Paulista de Rio Claro em São Paulo a partir das professoras: Livia de Oliveira e Lucy P. Marion Machado.

Sendo o ano de 2005 um marco para o pensamento humanista no Brasil. Devido à elaboração e concretização do Simpósio Nacional sobre Geografia, Percepção e Cognição do Meio Ambiente. Realizado no Paraná, na cidade de Londrina, através do grupo de Pesquisa Geografia Humanista Cultural da Universidade Federal Fluminense. (MARANDOLA JR, 2013).

Assim, podemos ver que o objetivo da Geografia Humanista atualmente consiste em ler o mundo a partir da construção de um conhecimento científico crítico. Valorizando o ser frente ao pensamento científico, destacando suas potencialidades, possibilidades, sentimentos e virtudes como forças potentes frente ao esforço criativo e intuitivo. (HOLZER, 1997; MARANDOLA JR, 2010).

Então, a construção do conhecimento é vista pelo humanista para Holzer (2016), de maneira parcial e integrada, cujo pelas atividades e produções humanas como arte, literatura e filosofia; resignificam o espaço geográfico. Privilegiando o espaço vivido e suas representações simbólicas, compreendendo a relação indivíduo/sociedade e natureza através das relações comportamentais e sentimentais (CAPEL, 2012). Sendo a constituição do mundo segundo Holzer (2016), entendida como experiência do conhecimento vivido intencionalmente, que possibilita uma renovação epistemológica da geografia: pensando-a fora das questões metodológicas e da academia. (HOLZER, 2016).

1.3 O conceito de lugar e a geografia de Yi-Fu Tuan

Nesta parte que se desenvolve o trabalho, temos como objetivo debater a respeito do conceito de lugar, assim como os de espaço e paisagem, tanto pela perspectiva do autor base deste capítulo Yi-Fu Tuan (1983; 2012), como também de outros autores, entendendo que por mais que tal trabalho tenha como o autor citado,

suas ideias não podem ser postas como algo único e universal. E sim como uma alternativa de melhor entendimento do conceito de lugar.

A começar pelo indivíduo que é rodeado por objetos que possuem vida e estruturas diferentes, não sendo formado apenas por volume mais por sentidos, dado por diferentes percepções. Percepção relacionada à parte sensorial do corpo exposta ao objeto dado, convocada pela inteligência; seus significados e funções simbólicas. Sendo a percepção egocêntrica⁴, pois, percebe os objetos mesmo desorganizados em função de uma forma singular. Não estando estática, porque o movimento de nossos sentidos nos traz dado grau de mobilidade que nos permite buscar aquilo que não estamos percebendo. (OLIVEIRA, 2000; TUAN, 2012; SOKOLOWSKI, 2014).

Sendo a dinâmica existente entre os sentidos incorporada à imagem geral: oriunda de um diálogo entre a visão geral do mundo e a visão pessoal do mundo, ou seja, maneiras de observar o espaço. Mas sabendo que cada ser possui uma visão única sobre um ambiente e sobre o lugar que habita, que é oriunda de uma vivência pessoal mediada por atitudes e valores que fazem compreendermo-nos a ponto de habitarmos um lugar. Este que é associado a partes que falam por um todo qualquer, expondo significados e uma sucessão de fenômenos associados entre si, construídos e estruturados por substâncias, cores, direções, animais, traços humanos. (HOLZER, 2016; TUAN, 2012).

Sendo cada grupo humano possuidor de uma nomenclatura própria para lidar com os conteúdos da natureza, identificados por qualidades características naturais ou apropriadas. Variando de acordo com o grau de sensibilidade, que é associado a traços temperamentais singulares que exercem impacto em suas respectivas ações e habilidades. Logo, quando nos deparamos com o lugar, o vemos por valores e julgamentos antecipados dados por uma perspectiva. (TUAN, 2012).

Perspectiva que é colocada no centro dos questionamentos geográficos devido à importância dada aos sentidos, sensações, sentimentos, anseios do indivíduo e sua capacidade de extensão para o mundo. Revelando preferências, posturas éticas, condutas individuais e coletivas. (OLIVEIRA, 2013). Podendo o

⁴ Ego que é o agente das ações referentes à percepção que sustenta uma visão individual de crença no mundo. E à medida que se identifica com seus objetos e seu corpo, identifica-se a si mesmo (SOKOLOWSKI, 2014).

espaço para Tuan (1983) ser dado através das seguintes perspectivas: mítica, pragmática e abstrata.

A mítica é um conjunto grande de atividades práticas ordenadas. O espaço paradigmático é visto como cinturões existentes. O abstrato é a criação de um espaço dado por experiências espaciais primordiais, singulares e comuns. Sendo o espaço articulado à extensão do corpo de cada indivíduo. Espaço que é um símbolo de liberdade que convida à ação e uma ameaça devido a sua exposição vulnerável. Não tendo caminhos a serem seguidos ou padrões que o estabelecem. (TUAN, 1983).

Possibilitando a libertação do indivíduo. Pondo-o em um espaço vivido; estrutura íntima e individual que aparece através de nossas experiências imediatas, possuindo uma diversidade de significados que não podem ser preenchidos de maneira superficial, pois, o espaço geográfico é um mundo existencial agrupado a inúmeras dimensões do conhecimento, ações e afetividades: subjetivas e objetivas. Subjetiva quando relacionada ao mundo mental de cada indivíduo e objetiva quando orientada por direções cardais. Fazendo com que a realidade geográfica experimentada e associada ao mundo vivido, e não um sistema de categoria ligado a registros teóricos. (HOLZER *apud* DARDEL, 2015; BESSE *apud* DARDEL, 2015; TUAN, 1983; OLIVEIRA, 1999).

Sendo o lugar um sentimento de valor dado pelo indivíduo como sujeito e agente do espaço. Cujo suas atitudes são espelho de interesses e valores pessoais que refletem a visão de mundo de cada um. Possuindo experiências pessoais e realidades que devem ser compreendidas pela visão de quem a significa. (OLIVEIRA, 2013; HOLZER, 2000).

Significação dada pela análise e contemplação da paisagem. Fundada em nossa percepção, fazendo compreender a nós mesmos. Onde a contemplação é uma habilidade em distinguir-nos do outro; devido a estruturas particulares da realidade que desfrutam ao longo do tempo de uma apreciação popular cheia de significados, que expõe o envolvimento do homem com o meio. Assim paisagem compreende-se como um momento vivido, que une os demais elementos e experiências que o envolvem, expondo um mundo realizado através da existência. (TUAN, 2012; DARDEL, 2015).

Cujo através da prática cotidiana expressa o lugar do ser em sua individualidade e em seu coletivo. Permitindo uma (auto) reflexão de memórias e percepções, que por sua vez, permitem uma melhor compreensão do mundo e seus significados e significantes; singulares e mutáveis (HOLZER, 2012; MARANDOLA JR; MARTINS, 2017; MARANDOLA JR, 2016).

Esse envolvimento com o lugar é aqui entendido como Topofilia, ou seja, uma forma de perceber e viver o ambiente, possuidora de tradições e valores culturais, espaços diferenciados, tempo e contextos diferentes. Sendo o elo de afetividade do sujeito para com o lugar que habita. Diferenciando-se em intensidade, sutileza e forma de se expressar (TUAN, 2012).

Mais como é sabido, no mundo moderno, há a introdução de um padrão de viver que faz com que habitemos determinado espaço devido à necessidade de atender os interesses direcionados por um padrão de pensar e experienciar, que fazem a técnica pensar o ser no mundo. Contudo podemos ver que as pessoas e os lugares se constroem a partir de forças diferentes atuantes na construção de identidade, se associando a símbolos e objetos que são significados de maneira individual e intencional (OLIVEIRA, 2013; MARANDOLA JR, 2016; MARANDOLA JR, 2012).

Uma dessas formas de construção é dada pelas paisagens do medo. Medo que impõe fronteiras visíveis e invisíveis que variam ao longo da vida, estando associado a estados psicológicos e ao ambiente real. No qual a imposição é experimentada individualmente, através da imposição de uma visão do real por de figuras que representam o medo, e expandem-se conforme o meio é explorado (TUAN, 2005).

Sendo assim, a paisagem do medo é a indução a um medo, que ativa o exagero e a distorção de pequenas diferenças culturais, impedindo o indivíduo de criar laços topofílicos para com o lugar habitado. Construindo-se com códigos fragmentados, formulados e regulamentados por leis definidoras de padrões de comportamento, preocupadas com a ordem a ser seguida (TUAN, 2005).

CAPÍTULO 2

A IMPORTÂNCIA DO CONCEITO DE LUGAR PARA A GEOGRAFIA ESCOLAR

Nessa parte do trabalho traremos uma breve introdução ao tema ensino. Partindo da exposição do método freireano. Entendido aqui como fundamental para fazer o diálogo entre o saber científico proposto e o saber comum existente na sala de aula. Após termos um diálogo entre o ensino de geografia e o conceito de lugar até então debatido.

Temos na escola um espaço condicionado por ideologias de superioridade. Como também um espaço de educação popular e formação social crítica, formadora de um saber a ser usado como instrumento de transformação da realidade. Logo, o presente trabalho visa um ensino contrário ao ensino reducionista transmissor de conhecimentos, direcionado por ideologias de superioridade e condicionado por métodos de opressão, baseados em interesses de grupos ou classes dominantes. (FREIRE, 2014; FREIRE, 1978; FREIRE, 2017).

Para isso devemos superar a intolerância que é a nossa incapacidade de conviver com o outro, dada por um sectarismo castrador e alienante que impede a descoberta do diferente. Pondo o ser como espectador do espaço, direcionando-o através de mitos que voltam contra o mesmo por um discurso universal elitista autoritário, que distancia o ser da realidade, no qual na ausência do diálogo entre teoria e prática; expõe uma ideia mecanicista do que vem a ser ensinar e aprender. Reduzindo a curiosidade e a criatividade a meras produções baseadas em conhecimentos existentes. (FREIRE, 2014; FREIRE, 2017; FREIRE, 1978).

Prática que não possui neutralidade e sim um caráter político que põe os envolvidos no processo de ensino e aprendizagem como seres políticos observadores de suas respectivas posições no espaço geográfico. Então, o processo de ensino e aprendizagem é dado pela produção do saber e do conhecimento e não de suas transferências, entendendo a curiosidade como motora da produção do conhecimento. Reconhecendo em diferentes níveis, que o reconhecimento de si é

dado pela tolerância com o outro, que irá variar de acordo com sua rigorosidade. (FREIRE, 2014; FREIRE, 1983).

Logo, vemos o ato de ensinar como provocação à curiosidade do educando e do educador. Vendo o indivíduo como sujeito de produção do conhecimento inserido em um ciclo de conhecer. Sendo o processo de ensino uma preocupação de formação técnica e científica dos envolvidos, que visa desmistificar as verdades expostas ao longo do processo de ensino e aprendizagem proposto pela educação bancária. (FREIRE, 2014).

2.1 O ensino de geografia e o conceito de lugar para a geografia humanista

A parte do trabalho aqui desenvolvido tem como objetivo compreender a importância da aplicabilidade do conceito de lugar na perspectiva humanista no ensino de geografia escolar. Como também buscar alternativas que rompam com o ensino tradicional e elitista debatido anteriormente.

A questão do ensino de geografia, para Capel (2012), associa-se diretamente ao desenvolvimento da geografia enquanto ciência. Estando na preocupação na formação de professores de geografia para o ensino escolar, a busca por alternativas que venham a contribuir para a construção da geografia como ciência: promovendo alternativas de posicionamento⁵ do ser no mundo. (CAPEL, 2012).

No Brasil temos os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN) como uma alternativa. Tendo como objetivo expresso auxiliar os professores a realizarem suas práticas em sala de aula, ou seja, uma proposta de renovação curricular que busca auxiliar o educador. (BRASIL, 1997).

Na parte do PCN destinada ao ensino de geografia temos a sua importância associada à sua potência em proporcionar uma compreensão da realidade, agindo no lugar de forma consciente e propositiva, expandindo-se de maneira singular sobre a realidade. Entendendo que as relações entre processo histórico de formação das sociedades e natureza são dadas pela leitura do espaço geográfico e da paisagem.

⁵ Inserido em ideologias associadas a uma soberania nacional que põe a geografia como alternativa de ensino e um pilar essencial para projetos de dominação. (CAPEL, 2012)

Mas é no lugar que as relações singulares entre o ser e o espaço se desenvolvem, criando representações de imagens a respeito do mundo, mediadas por vivências e percepções singulares a nível local e mundial. (BRASIL, 1997).

Integrando-se a currículos escolares. Analisando e conduzindo interações espaciais; seus respectivos processos, fluxos, representações e percepções. Sendo básica para a formação intelectual e prática de estudantes e professores. Proporcionando uma orientação e ação didática horizontal frente ao processo de ensino e aprendizagem. (OLIVEIRA, 2003; OLIVEIRA, 1999).

Devendo o professor de geografia formar cidadãos que vivam e convivam no planeta terra de forma harmônica e horizontal. Atentando-se às mudanças relacionadas ao ensino da disciplina como ao conhecimento geográfico, e, a percepção e concepção de mundo. Valorizando os vínculos afetivos e subjetivos, racionais e objetivos, de um sistema de valor que direciona a forma de perceber e construir a paisagem e o espaço escolar. (MORAGAS; ALVEZ, 2015; OLIVEIRA, 2003; BRASIL, 1997).

Assim, para uma aplicabilidade crítica do PCN, deve-se reconhecer o diálogo⁶ entre conhecimento científico e conhecimento comum na construção do conhecimento. Entendendo-os como possuidores de valores e atitudes referentes à nossa prática. Potencializando os estudantes a ponto de se questionarem a respeito de sua realidade e ação no espaço. (OLIVEIRA, 2003; CAVALCANTI, 2017).

Frente a isso temos uma educação geográfica que pensa as práticas do cotidiano, interpretando os fenômenos geográficos existentes. Lendo o mundo através de suas respectivas realidades, como sujeito e agentes dos lugares que estão inseridos. (SACRAMENTO, 2017; MARANDOLA JR, 2016).

⁶ Diálogo que se encontra inserido no ciclo gnosiológico, que vem a ser a construção do conhecimento através da relação entre o saber comum e científico, oriunda do reconhecimento dos saberes envolvidos, que são dados pela organização de atividades, materiais e situações em sala de aula (FREIRE, 2011; MACEDO, 2015; CAVALCANTI, 2017).

CAPÍTULO 3

HISTÓRIAS EM QUADRINHOS COMO METODOLOGIA DE ENSINO DO CONCEITO DE LUGAR

Até então foi desenvolvido um debate teórico sobre a categoria lugar e a geografia escolar; entendendo essa relação como proporcionadora de um posicionamento crítico frente ao mundo que habitamos. Com isso, busca-se nesta parte do trabalho uma aplicabilidade do que foi dito até então no ambiente escolar. A maneira encontrada é através da exploração das potencialidades dos quadrinhos, que assim como os demais objetos dispostos no espaço, são condicionados por regimes de visibilidades, que através da percepção dialogam com imagens dadas a todo o instante.

Imagens⁷ que estão presentes em todos os campos da vida social, existindo e se relacionando sempre a um suporte imagético, que privilegia uma visibilidade e uma invisibilidade. Ligando-se com o lugar, que as exibem, sendo uma interpretação singular de cada ser. Cujo através de pontos de vista, contextos e distanciamentos, constrói uma visão a respeito do mundo habitado. (GOMES, 2013).

Ponto de vista que é uma das formas que temos de considerar e ver as coisas pela mediação do ego, ou seja, uma forma de privilegiar um campo de observação, que se multiplica em formas de registro. Possuindo uma composição, imaginário e perspectiva. Tornando visível o lugar, que dentro de um sistema de referência, é produzido pela ocupação de objetos e/ou indivíduos, dados por uma visibilidade, exibindo lugares com variedades formas de leituras, interpretações e narrativas. Interferindo de maneira direta na ordem do cotidiano. Criando a partir de regimes de visibilidade, imagens possuidoras de uma ordem preestabelecida condicionadora, criadoras de critérios e regras próprias de legitimação e avaliação, transformando assim em uma representação exclusiva. (GOMES, 2013).

⁷ Entendidas pelo PCN (1997) como representações que expressam características. Sendo seu uso e sua produção em sala de aula uma forma didática de construção e reconstrução da paisagem porque expõe a afetividade e identidade para com o lugar habitado.

3.1 Histórias em quadrinhos e geografia

Sabendo que as histórias em quadrinhos, como os demais objetos, estão inseridas em regimes de visibilidade que norteiam olhares. Criando julgamentos e valores. O debate deste ponto em diante paira sobre as potencialidades e particularidades dos quadrinhos e sua relação com a Geografia.

A construção das histórias em quadrinhos segundo Eisner (2005) é uma ação de contar história, associada a grupos sociais que expõem determinada visão de mundo, através de diferentes padrões que narram eventos em sequência. Assim, ao considerar a história em quadrinho como uma forma de contar história tira-se o mérito de qualquer nação ou ser que se intitule criador de tal arte. (EISNER, 2005).

Forma de contar história nos quadrinhos que para Eisner (2005) é dada pela narração gráfica, ou seja, pela expressão de um momento construído a partir de uma história., formado por imagens, símbolos e palavras reconhecíveis. (EISNER, 2005). Criando através de um conjunto de representações coletivas, histórias relacionadas às experiências com o lugar (MAZUR; DANNER, 2014), que tem como base um conteúdo ideal, ético, estético e universalizante, usado para descrever a realidade (DORFMAN; MATTELART, 2010). Sendo também, para Costa e Tonini (2012), um instrumento de leitura do espaço, que através de uma linguagem visual e/ou textual, estrutura temporalidades diferentes e simultâneas. (MENDONÇA; REIS, 2015).

Unindo o indivíduo ao lugar habitado e situando-o no espaço através de experiências concretas e afetivas, que expressam subjetiva e objetivamente memórias representadas por tempos singulares, que expressam sua relação concreta, afetiva e simbólica para com a Terra, ou seja, uma forma de representação do espaço correspondente à determinada prática literária ou artística, que expressa uma diversidade cultural e territorial manifestando formas globais e locais de se expressar. Expressões que se encontram ligadas a realidades exteriores, servindo de memória para o espaço, estruturando-se através de relações hierárquicas que impõem modelos à outras formas de reinterpretar o mundo. (COLLOT, 2014).

Sendo a realidade, mediada por referências espaciais que fazem da história em quadrinhos e sua produção, uma forma de participar criticamente e politicamente

da reinterpretação do espaço geográfico, através de sua relação concreta com a terra; sua geograficidade. (COLLOT, 2014).

Geograficidade que é a relação do homem com a terra; uma experiência geográfica que *“convida o homem a dar à sua realidade geográfica um tipo de animação e de fisionomia em que ele revê sua experiência humana, interior, ou social”* (DARDEL, 2015, p. 6), ou seja, uma realização de intimidade com a Terra, que permite a compreensão e reinterpretação fenomenológica⁸ da experiência geográfica. (DARDEL, 2015).

A reinterpretação fenomenológica se associa tanto ao ensino de geografia, como a produção da história em quadrinhos, por fornecer interpretações de realidades vividas, que através da percepção, modificam a paisagem. Descrevendo experiências humanas que ressaltam a subjetividade do indivíduo. Identificando práticas e significados sociais manifestados pelas relações do cotidiano. (NASCIMENTO; COSTA, 2016).

Tal modificação pode ser vista na forma que cada grupo reinterpreta o espaço geográfico. A produção da história em quadrinhos por parte dos envolvidos vem a ser então uma forma de se relacionar e reconhecer os fenômenos da realidade que estão dispostos no espaço. Proporcionando aos envolvidos meios de reinterpretar o mundo através de experiências imediatas intencionadas. (NASCIMENTO; COSTA, 2016).

3.2 Histórias em quadrinhos e ensino de geografia

É de suma importância destacar que as histórias em quadrinhos frente ao ensino de geografia não são vistas como a solução para o ensino como um todo. Mais como um meio de auxiliar o estudante e professor no processo de construção do conhecimento geográfico dado pelo processo de ensino e aprendizagem de geografia. Como é sabido existem inúmeros padrões científicos modernos que moldam como vimos à forma de representação do espaço.

⁸ A relação entre geografia e fenomenologia é entendida pela relação do indivíduo com o espaço, que o torna experienciado. Fazendo por sua vez o lugar constituir-se a partir de um conjunto complexo e simbólico oriundo de uma experiência individual (NASCIMENTO; COSTA, 2016).

Frente a isso é importante à valorização da forma que o indivíduo significa sua espacialidade, materializando-a através de linguagens usadas para se comunicar, que proporcionam outras formas de leitura acerca do espaço e uma melhor leitura do espaço concreto, produzindo mundos experienciados e narrados, que significam experiências espaciais projetadas sobre o mundo, transformando-as em realidade. (PINHEIRO, 2013).

Ganhando forma e conteúdo de acordo com o contexto histórico, social, cultural, econômico que se encontra, e, estruturando-se através de certo discurso produtor, criador de narrativas e formas de linguagem convencionais e institucionalizadas, que são usadas para a comunicação no espaço; desenvolvendo-se em variadas escalas ao longo do processo de identificação espacial, e, destacando elementos qualificados socialmente. (PINHEIRO, 2013).

Produção, que é dada por critérios e valores produtores de formas, que destacam um ponto de vista, permitindo a visualização da transformação do espaço natural, servindo de instrumento de percepção e compreensão do espaço. Sendo assim, a produção dos alunos vem a ser entendida, como um enquadramento expositivo de significações que representam o espaço e a vida cotidiana. (GOMES; RIBEIRO, 2013).

Por isso a escolha do uso do quadrinho frente ao ensino de geografia. Porque como visto é uma maneira de reproduzir e ressignificar o espaço. Proporcionando um posicionamento político e crítico no mesmo. Incentivando o estudante a agir de maneira espontânea frente aos processos de socialização, comunicação, expressão e construção do conhecimento. Auxiliando também na compreensão e formação de conceitos geográficos. (AMARAL; CARVALHO; RIBEIRO, 2014; JUNIOR; MARTINS, 2017). Logo as histórias em quadrinhos devem ser encaradas como alternativas de romper com a lógica de ensino vigente. (OLIVEIRA, 2003).

Com isso temos na relação história em quadrinhos e ensino de geografia uma forma de reinterpretar e reconstruir o espaço através de uma visão de mundo singular e experiências individuais armazenadas. Auxiliando também na compreensão, produção textual e vocabulário dos envolvidos. (MARANDOLA JR., 2016; EISNER, 2005, CARVALHO; RIBEIRO, 2014; SOUZA, 2013).

CAPÍTULO 4

“A ARTE DE QUADRINIZAR”

A priori é preciso compreender o que vem a ser o título deste capítulo: “A arte de quadrinizar”, de autoria de Ivan Brunetti (2013). Dando continuidade, será exposta uma revisão crítica dos livros didáticos usados pelas turmas das respectivas escolas envolvidas a ponto de identificar como o quadrinho é usado por tais.

Quando se incentiva a produção artística para Brunetti (2013); se tem como base para alcançar o resultado desejado, marcadores estéticos que os norteiam. Frente a isso, temos na arte de quadrinizar uma maneira de se posicionar no mundo através da reinterpretação do espaço em forma de quadrinho; um meio de se descobrir criativamente a partir da exploração do conhecimento. (BRUNETTI, 2013). Traduzindo emoções pessoais, que compõem um sistema “*coerente e identificável de sinais comunicativos que expressam a experiência única que cada um de nós tem em vida.*” (BRUNETTI, 2013, p. 18), sendo expresso pelos estudantes a partir da escolha dos temas e suas respectivas representações. Contudo a exploração de suas potencialidades frente ao ensino de geografia é muito limitada. Como exemplos têm os livros didáticos⁹ usados pelas escolas.

Na análise crítica dos livros didáticos usados temos uma redução de seu uso. Em ambos os livros há pouca presença dos quadrinhos, que aparecem ao todo em apenas quatro momentos. No primeiro temos uma contextualização sobre um cartunista brasileiro: Angeli a partir de uma linha histórica contando sua trajetória no mundo da arte (Imagem 1) (Imagem 2).

⁹ Os respectivos livros usados foram: ADAS, Melhem; ADAS, Sérgio. *Expedições geográficas* (8º ano) 2. ed. São Paulo: Moderna, 2015 e ADAS, Melhem. ADAS, Sérgio. *Expedições geográficas* (9º ano) / Melhem Adas, Sérgio Adas. – 2. ed. – São Paulo: Moderna, 2015.

Desembarque

em outras linguagens



ANGELI:

GEOGRAFIA E QUADRINHOS

Arnaldo Angeli Filho nasceu em São Paulo, em 1956. Aos 14 anos, já publicava quadrinhos de humor em várias revistas e, aos 17, foi eleito o melhor chargista do ano no Salão de Humor de Piracicaba, no estado de São Paulo. A partir de 1973, passou a trabalhar como chargista político no jornal *Folha de S.Paulo* e, em 1983, lançou a revista *Chiclete com Banana*, que apresentava uma enorme galeria de personagens. Em 2010, Angeli ganhou o prêmio de melhor chargista no 22º HQMix, um dos mais tradicionais prêmios dos quadrinhos brasileiros.

A TRAJETÓRIA DE ANGELI

Angeli nasce no bairro Casa Verde, na cidade de São Paulo (SP).

1956

Ingressa no Ensino Fundamental, no Grupo Escolar Benedito Tolosa.

1963

Com apenas 14 anos de idade, publica quadrinhos de humor em várias revistas.

1970



Arte e humor a serviço da reflexão

Pode-se dizer que a charge é uma forma criativa e irreverente de retratar a realidade.

Com uma galeria de personagens contestadores, que criticam o comportamento urbano, as charges de Angeli tratam de temas relacionados à vida em sociedade, à geopolítica, à economia, ao meio ambiente, entre muitos outros.

Publicadas em meios de comunicação de grande alcance, como jornais, revistas e internet, essas obras de arte e humor nos levam a refletir sobre o espaço e o momento histórico em que vivemos.

Publica a revista *Chiclete com Banana*, lançando uma enorme galeria de personagens.

1983

Participa da exposição de quadrinhos na Itália em comemoração aos 500 anos da chegada dos europeus à América, expondo ao lado de grandes chargistas internacionais.

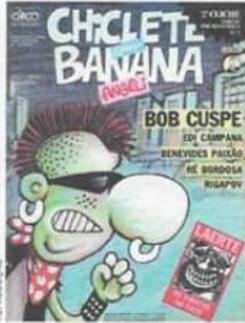
1991

Recebe o prêmio do 26º HQMix como Grande Mestre.

2014

1973

Começa a trabalhar em jornal como chargista político e cria personagens marcantes e críticos do comportamento urbano.



2000

É lançado no mercado editorial português, onde faz grande sucesso.

Nesta seção, por uma questão de espaço, optamos por uma linha do tempo que não mantém a proporcionalidade da escala.



Charles Baudelaire (1821-1867) foi um importante poeta e teórico francês que influenciou significativamente o mundo das artes de gerações posteriores.

Caixa de informações

- Em quais meios de comunicação as charges desse artista são publicadas? Qual é o papel desses meios na compreensão e interpretação das suas charges?

Interprete

- As charges são capazes de retratar elementos da ordem mundial em um determinado período histórico? Justifique sua resposta com base em seus conhecimentos e nos elementos das charges desta seção.

- A partir da observação da charge "O mundo em que vivemos", apresente os temas abordados pelo autor e os elementos que os caracterizam.

Mãos à obra

- Com base no que você estudou nesta Unidade, selecione um tema e represente-o em uma charge. Procure desenhar imagens expressivas sobre o tema escolhido e utilizar textos curtos. Use a criatividade para se manifestar por meio de personagens.

Na parte que consiste nos exercícios podemos ver que o seu uso é dado de uma maneira interessante. Nos três primeiros exercícios podemos ver a tentativa de integração entre o conhecimento escolar com o papel da mídia no espaço globalizado atual. No exercício quatro temos uma parte do livro a ser explorada que se associa

com a perspectiva da arte de quadrinizar. (BRUNETTI, 2013).

Incentivando por sua vez o professor a explorar outras potencialidades, não se limitando a seu uso apenas como questões interpretativas de provas como também aparece nas outras três últimas aparições de quadrinhos nos livros analisados (Imagem 3) (Imagem 4) (Imagem 5), que por sua vez impede uma maior exploração das potencialidades dos quadrinhos.

12 A partir de 1989, governos socialistas do Leste Europeu começaram a desmoronar e aderiram à economia de mercado. A tirinha a seguir se refere a um desses acontecimentos. Faça uma pesquisa e explique o que está representado nela.



Imagem 3

5 Observe a figura, que retrata o presidente estadunidense Theodore Roosevelt, e responda às questões.



O Big Stick no Mar do Caribe (1904), cartum de William Allen Rogers (1854-1931). Nos navios da frota conduzida por Theodore Roosevelt, lê-se: "cobrança de dívidas", "xerife" e "cobrador".

- Indique os países destacados na figura.
- Em sua opinião, a figura mostra uma relação de igualdade e cooperação entre os países e o governante americano? Por quê?
- A qual política externa estadunidense a figura faz referência? Explique-a.

Imagem 4

8 Leia a charge abaixo e interprete-a. Depois, discuta o assunto com seus colegas e o professor.



Imagem 5

4.1 Metodologia

A metodologia consistiu em oito momentos. Para melhor entendimento há aqui a exposição das atividades desenvolvidas ao longo do projeto, como os respectivos planos de aulas. O primeiro momento teve como objetivo a socialização com a turma e participação como ouvinte e também, a apresentação do projeto. Na segunda etapa foi feito em sala de aula um debate com os alunos através de uma aula expositiva sobre o que é geografia, como também a importância do lugar para consigo mesmo

No terceiro momento houve outra aula expositiva expondo a relação da história em quadrinho com arte e literatura, e, sua posterior relação com a geografia. No quarto momento tem-se a exposição aos estudantes da ideia central do livro a ser trabalhado com eles “A Arte de Quadrinizar”, que, como visto, é o reconhecimento da arte como produção humana, possuidora de valores e significados que não podem ser

mediados apenas por conceitos e princípios estéticos mecanizados racionalmente. (BRUNETTI, 2013).

Em seguida a turma foi dividida em grupos onde cada estudante representou através do desenho, objetos que viessem em sua mente. Tal produção teve como objetivo aproximar o estudante à produção artística, pois, como destacado por Cola (2014), o conhecimento está intrínseco no indivíduo, e a partir do momento que é trabalhado de forma espontânea, identifica-se com a ação.

O quinto momento consistiu em uma exposição de dois pequenos vídeos, a fim de aproximar os alunos do universo dos quadrinhos. Discutindo sobre seus símbolos e como moldam nossa identidade e a forma que nos posicionam no espaço. (DORFMAN; MATTELART, 2010). O uso de recursos áudio visuais nesse momento foi de suma importância devido ao fato de aproximar mais ainda os alunos à atividade que estava sendo elaborada.

Depois do debate, os alunos, nos grupos já divididos, criaram em conjunto um personagem, expondo marcas de suas individualidades. No sexto momento, teve-se a escolha de um tema e a posterior elaboração do quadrinho. O sétimo momento consistiu no final da elaboração dos quadrinhos. Sendo as narrativas entregues na forma de quadrinhos aos estudantes no oitavo momento.

É importante destacar também que os momentos desenvolvidos no papel tiveram uma aplicabilidade diferente em sala de aula. Visto que a troca de horários repentinos, o clima com alguns dias chuvosos, a correria na aplicação dos conteúdos, falta de infraestrutura, períodos de prova e recuperação, e outros foram entraves para seu melhor desenvolvimento.

4.2 Resultados

Nesta parte do trabalho, serão expostas as narrativas dos dias das atividades desenvolvidas no primeiro semestre do ano de 2018 – a começar pela escola estadual Nilo Peçanha (9º ano) e depois, a escola municipal CEMSTIAC (8º ano) – e também o comentário sobre os resultados alcançados. Destacando que por motivo de privacidade e segurança os nomes dos alunos e professores não foram expostos.

Na primeira escola citada, a atividade começou a ser desenvolvida no dia 21 de março. O tema da aula foi “a consequência da partilha da África”. A forma de expor o conteúdo escolhido foi à tradicional aula expositiva, sem o uso do livro didático.

Quando questionado sobre a metodologia usada em sala de aula à opção pela não adoção do livro didático – segundo o entrevistado – permite uma evolução melhor da aula, pois ele afirma que os estudantes constroem o conhecimento com melhor qualidade a partir de uma aula que desenvolvem juntos sua construção, através de um conteúdo pré-estabelecido sobre o tema proposto.

No dia 28 – ainda no primeiro momento da atividade – teve-se como tema da aula “a estrutura etária da população africana” da mesma forma que na aula anterior. Por fim, no final da aula, foi apresentado o projeto a ser desenvolvido pelos dias que se prosseguiriam.

Na CEMSTIAC temos seu início no dia 19 de março, momento também dedicado a socialização para com os estudantes. A aula teve como objetivo a elaboração de exercícios de reforço propostos pelo livro didático. Neste caso a professora optou pelo seu uso, pois, segundo a mesma existem formas de explorá-lo sem se prender à suas limitações, como também vem a ser um meio de incentivar o hábito da leitura. No fim da aula também foi exposta a atividade que seria desenvolvida para os estudantes. No dia 26 de março prosseguiu a socialização com os mesmos com a mesma atividade do momento anterior.

O segundo momento ocorreu no dia 04 de abril na escola Nilo Peçanha e 02 de abril na CEMSTIAC. Com uma aula expositiva em ambas, e com a construção do conhecimento dada pela participação dos próprios alunos, o tema da aula foi: “Geografia”. A fim de desenvolver o debate, também foram expostos os seguintes questionamentos: o que é geografia, espaço e lugar? e, por fim: somos sujeitos ou agentes do lugar que habitamos?

Geografia foi vista pelos estudantes como estudo da terra e a relação das pessoas para com a mesma. O espaço foi entendido como o todo, algo muito grande para ser medido, sendo tudo que nos rodeia: escola, igreja, montanha. O lugar, entendido como espaço afetivo, aonde se constroem significados e sentimentos a respeito do espaço habitado; como exemplos citados temos a igreja, lanchonete, quadra de futebol.

Quando questionados se eles se viam como sujeitos ou agentes do lugar que habitam em sua totalidade responderam sim, e, quando questionados porque, as respostas foram as mais variadas, como: “quando ajudo minha mãe na cozinha”, “na igreja a gente distribui sopa na rua”, “eu ajudo meu pai na mecânica”, “não joga sujeira no chão”, “ação de ajudar as pessoas”, “levar o irmão ao médico”, “construção de quebra mola”. Logo, geografia vem a ser entendida pela classe como estudo da terra e da relação das pessoas com os lugares que moram. Relações dadas pelas ações que constroem o espaço.

Como crítica a esse segundo momento aconteceu à aprovação do conteúdo abordado, porém, manter a aula tradicional, vocabulário não tão acessível e ausência de recursos metodológicos para dinamizar a aula foram pontos a desejar. Contudo, como destacado pelos entrevistados, nada que tenha comprometido o desenvolvimento da atividade.

No dia 02 de maio aconteceu o terceiro momento na Nilo Peçanha, e no dia 13 de abril na CEMSTIAC. Desenvolvendo-se novamente uma aula expositiva. Debatendo junto com os alunos o que viria a ser história em quadrinhos. Para tal, questionou-se sua relação com a arte e a literatura. Sendo a arte entendida por parte dos estudantes como algo que se faz, a exemplo temos: pintura, quadro, paisagem, escultura, e literatura como história escrita por alguém como exemplo livro e a história em quadrinho. Histórias em quadrinhos, entendidas como leituras e representações do espaço, dadas por desenhos e textos, sendo construídas por imagens e palavras selecionadas. Nas críticas desse momento foi possível notar a melhora no vocabulário com dependência ainda em algumas palavras conceituais, como também o fato de estar ainda preso a aula tradicional.

O quarto momento foi no dia 09 de maio na Nilo Peçanha e 27 de abril na CEMSTIAC. Com uma aula expositiva de slides trazendo uma linha cronológica de quadrinhos; apontando sua espacialização pelo globo e diferentes formas de se pensar a produção dos mesmos. Expondo também a ideia central do livro que viria a ser trabalhado em sala de aula.

Como crítica ocorreu o incentivo ao uso de outros recursos visuais além da imagem estática, a fim de atrair mais atenção dos alunos com o tema trabalhado, e a

exigência do uso melhor do tempo de aula, pois, às vezes a correria prejudica no desenvolvimento da atividade.

No dia 23 de maio na escola Nilo Peçanha e 18 de maio na CEMSTIAC houve a exposição de vídeos curtos, a fim de aproximar os alunos ao universo dos quadrinhos. Os vídeos usados foram: uma parte do filme *Alô Amigos da Disney* que se passa na América Latina,¹⁰ e, um episódio da *Turma da Mônica*.¹¹ Debatendo também, aspectos destacados nas produções que se identificam com padrões estéticos atuais, e, seus respectivos impactos no posicionamento do indivíduo no espaço que está inserido.

Após as turmas dividiram-se em grupos de quatro. E, como primeira atividade a ser feita, cada aluno desenhou quatro objetos que vinham em sua mente (Imagem 6). Tal atividade foi elaborada como já exposto, com objetivo de aproximar o aluno da prática do desenho, mostrando que as coisas são dadas e é possível interpretá-las na forma que se achar que deve ser interpretada, e uma das formas para tal é se utilizando o desenho (Imagem 7).

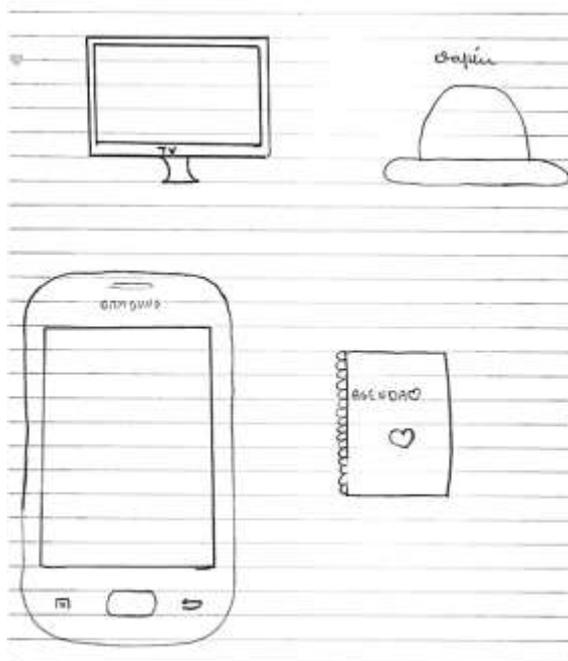


Imagem 6

¹⁰ PATULE, Varaya. *Alô amigos, Zé Carioca conhece Pato Donald*. Publicado em 22/05/2013. (02m07s). Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=PXa5CveNhTw>>. Acesso em: 10 mai. 2018.

¹¹ TURMA Colorida. *Turma da Mônica, a cabeleireira*. Publicado em 22/10/2014. (02m07s). Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=_phG6zPqHHE&t=100s>. Acesso em: 10 mai. 2018.

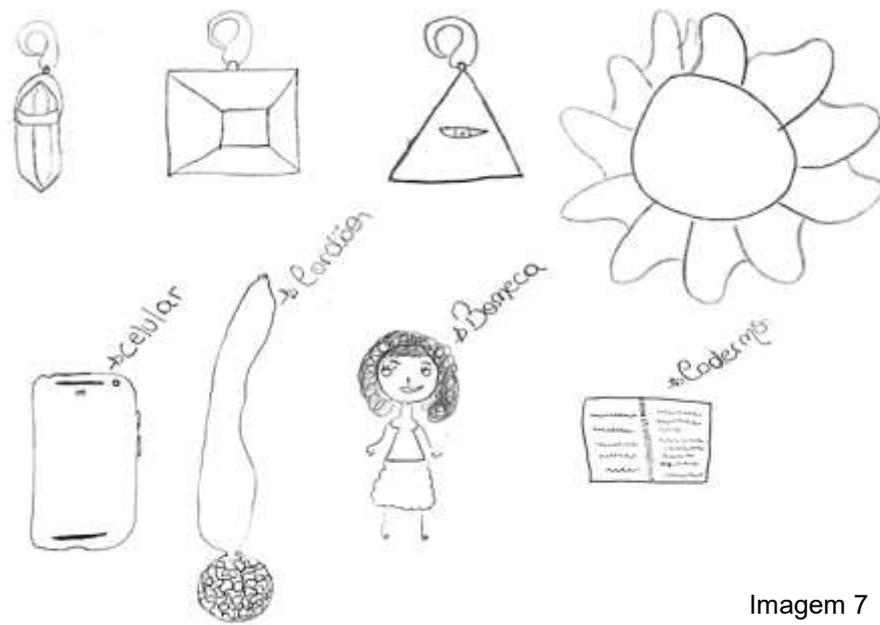


Imagem 7

O sexto momento aconteceu no mesmo dia. Com os alunos divididos em grupos elaborando um personagem cada (Imagem 8). Como crítica, surgiu à necessidade de uma atenção redobrada ao domínio de sala de aula e em quem está participando ou não da atividade. O uso do audiovisual foi visto como uma forma de trazer o aluno para a atividade desenvolvida permitindo um melhor desenvolvimento da atividade proposta.

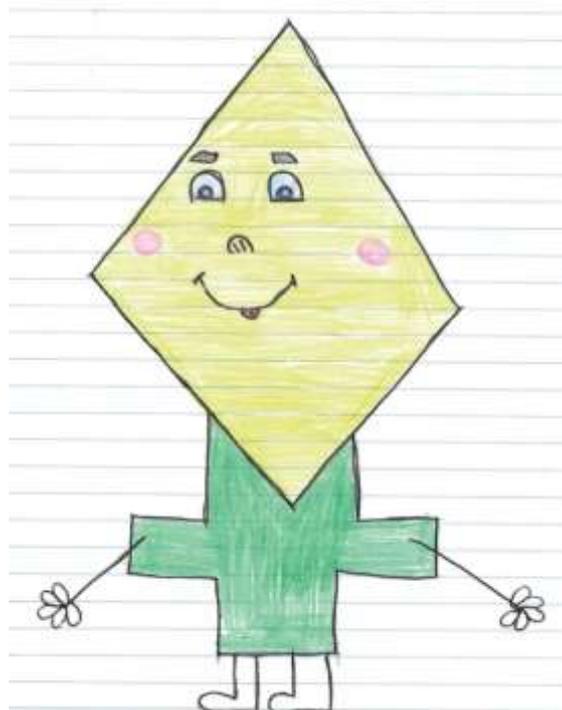


Imagem 8

Como pode ser visto nos resultados alcançados, em sua maioria, os objetos escolhidos se associam as respectivas realidades dos estudantes (Imagem 9). Seja de maneira física como exemplo a representação de chapéu, computador, celular ou de maneira fictícia como exemplo a representação de desenhos (Imagem 10). Na produção dos personagens¹² pode ser visto que as escolhas mantiveram o padrão, como destaque tem o “Zé Droguinha” expondo uma realidade bem presente no ambiente escolar (Imagem 11).

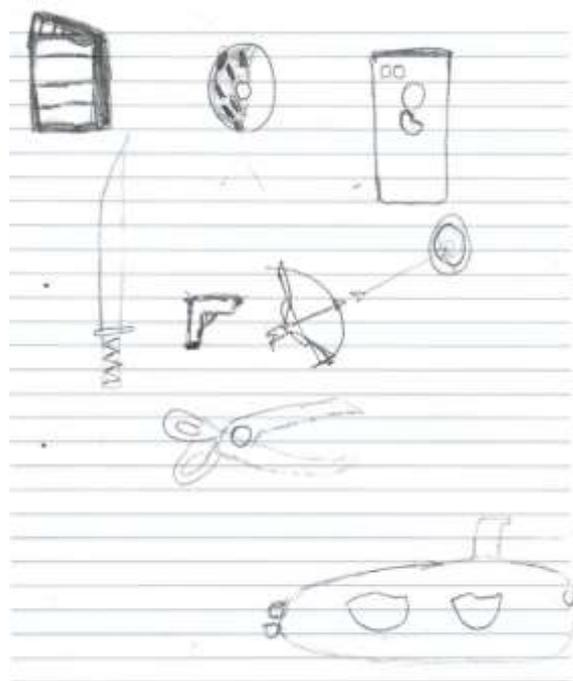


Imagem 9



Imagem 10

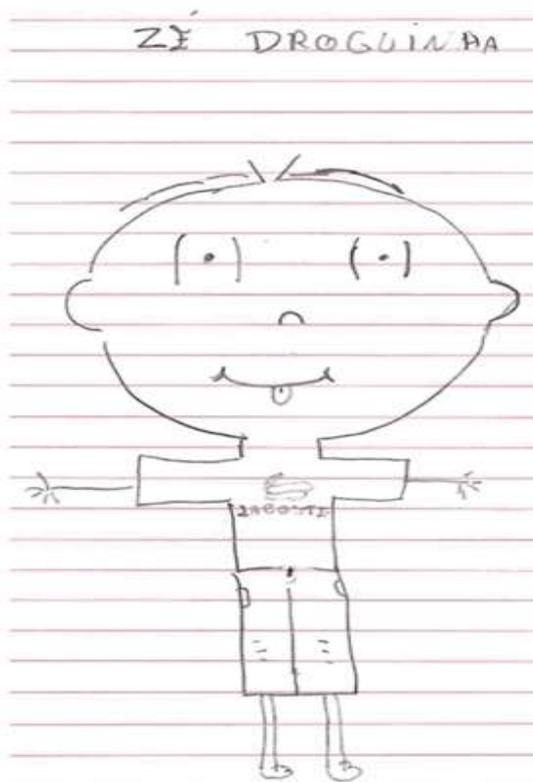


Imagem 11

¹² Como pode ser visto em anexo, alguns personagens foram postos no mesmo plano da história em quadrinho produzida como no caso da “Homofobia” e “Inflação”.

No sétimo momento dia 06 de julho na Nilo Peçanha e 28 de maio na CEMSTIAC tivemos a conclusão da atividade: a produção de histórias em quadrinhos a partir de um tema escolhido pelos grupos. O oitavo momento, ocorrido dia 15 de agosto no Nilo Peçanha e 17 de agosto no CEMSTIAC teve a entrega dos resultados para os alunos a fim de criar uma relação horizontal com os mesmos e não vertical tradando-os como meros objetos do conhecimento.

Os resultados foram impressionantes com escolha de temas como: racismo (Imagem 12), homofobia (Imagem 13), bullying (Imagem 14), pré-conceito (Imagem 15), inflação (Imagem 16), drogas (Imagem 17) e gravidez na adolescência (Imagem 18),

indústria da carne (Imagem 19). Deixando explícito, experiências oriundas de perspectivas distintas e vivenciadas, que expõe através da produção do quadrinho uma forma de (re)construir e (re)interpretar o espaço a partir do olhar do outro (Imagem 20) (Imagem 21).

- RACISMO



Imagem 12



Imagem 13

BULLYING NA ESCOLA

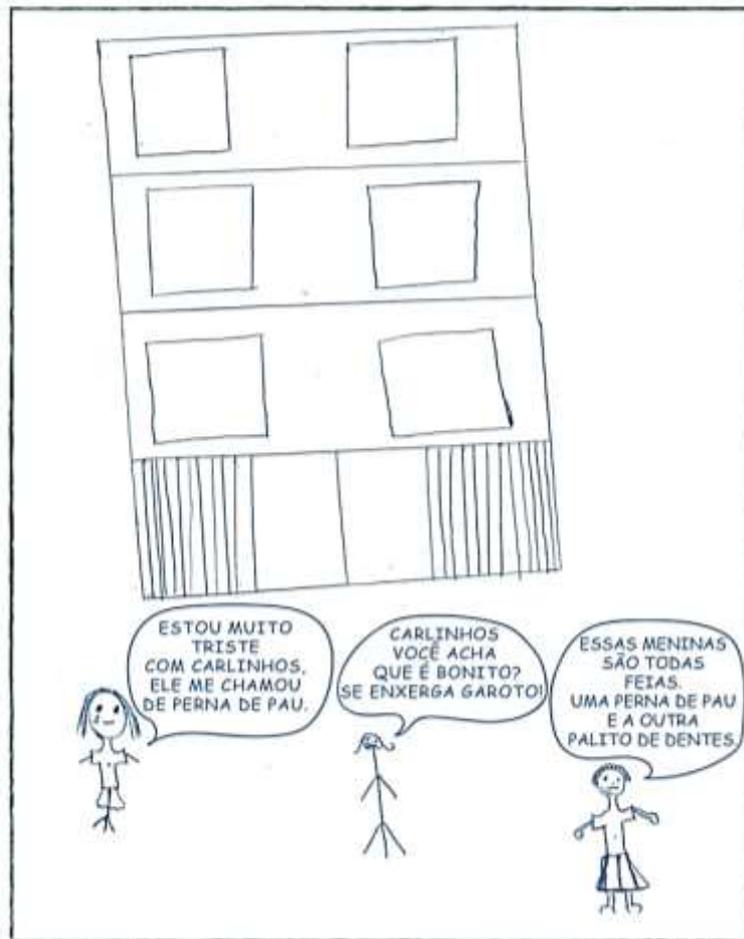


Imagem 14

PRECONCEITO



Imagem 15

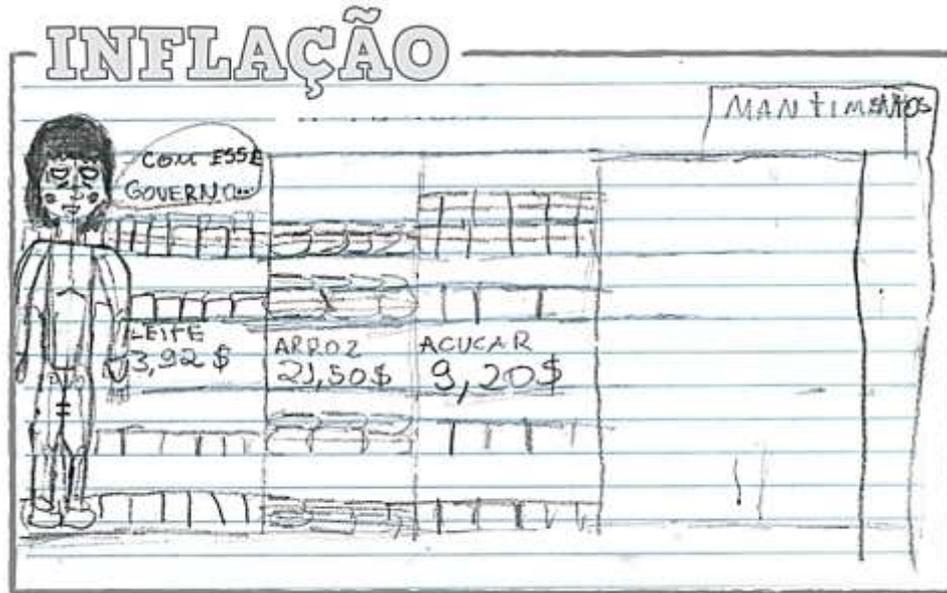


Imagem 16

**ADO
LES
GEN
TE
NAS
DRO
GAS**



Imagem 17

 **Gravidez na adolescência**



Imagem 18

INDUSTRIALIZAÇÃO DAS CARNES

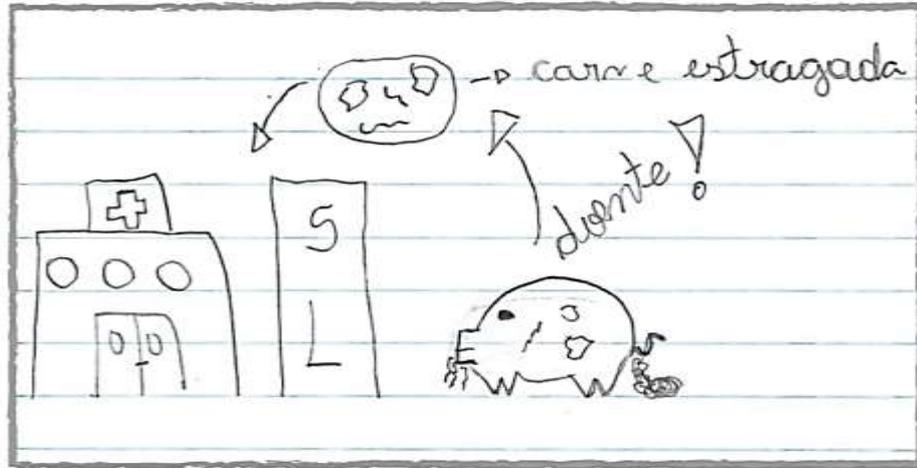


Imagem 19

A HISTÓRIA DE MARIA ALICE



Imagem 20



Imagem 21

Mostrando que a produção do quadrinho e o conceito de lugar para a geografia humanista, quando usado frente ao processo de ensino e aprendizagem em geografia; proporciona um posicionamento crítico frente ao lugar habitado. Sendo importante destacar que a edição dos quadrinhos se deu de maneira a preservar a produção e expressão dos alunos. Buscando apenas uma edição que valorizasse ainda mais o resultado (Imagem 22).



Imagem 22

Nos resultados, em sua totalidade tivemos a produção tanto de charge quanto de tirinhas em ambas as escolas. Por isso a importância da edição neste momento, pois, permitiu reunir todos os resultados e produzir uma revista em



Imagem 23

quadrinho com o nome “Experiências Geográficas” (Imagem 23). Cujo objetivo principal vem a ser a exposição das narrativas produzidas pelos estudantes, sendo um resultado gratificante para uma experiência geográfica extraordinária.

Um dos pontos a ser destacado e melhor desenvolvido é o tempo da atividade, com a necessidade de encontros semanais e não espaçados. Como também um maior contato físico dos estudantes a priori com os quadrinhos, e a dedicação a um momento na atividade para debater o processo produtivo do quadrinho em si a partir de exemplares trazidos pelos envolvidos. No que condiz a infraestrutura é visto como mínimo necessário: papel A4, caneta hidrocor, lápis de cor e outros. Como também cabe ao professor buscar meios que venham a auxiliá-lo no desenvolvimento da atividade como exemplo o uso de filmes, desenhos, dinâmicas em sala para debater o conteúdo de forma lúdica.

Entretanto o resultado alcançado obteve total sucesso, pois, mesmo em meio a adversidades, inseriu os estudantes no processo de criação do conhecimento geográfico. Permitindo através de suas narrativas textuais e gráficas, a construção e reinterpretação de um espaço construído por significações. Expondo suas respectivas vivências e experiências singulares. Norteadas por preferências visuais originadas por regimes de visibilidade que fazem da produção do quadrinho um meio de posicionar o estudante como agente e sujeito no processo de ensino e aprendizagem. Possibilitando a reinterpretação do espaço de maneira mais concreta, sentimental e emocional (Imagem 24) (OLIVEIRA, 2014).

OLÁ!
 EU SOU O CABEÇA DE PIPA.
 VOU FALAR SOBRE
 O BULLYING EM CAMPOS,
 ONDE É MUITO FREQUENTE.
 O BULLYING ACONTECE
 QUANDO, POR EXEMPLO,
 ALGUÉM CHAMA O OUTRO DE
 "GORDO", "ELEFANTE",
 "HIPOPOTAMO". ACONTECE
 EM QUALQUER LUGAR,
 PRINCIPALMENTE
 NA ESCOLA.
 É MUITO GRAVE,
 POIS OFENDE A PESSOA,
 QUE PODE SOFRER MUITO,
 SE SENTIR MUITO MAL
 E PODE ATÉ TIRAR
 A SUA PRÓPRIA VIDA.

BULLYING #2

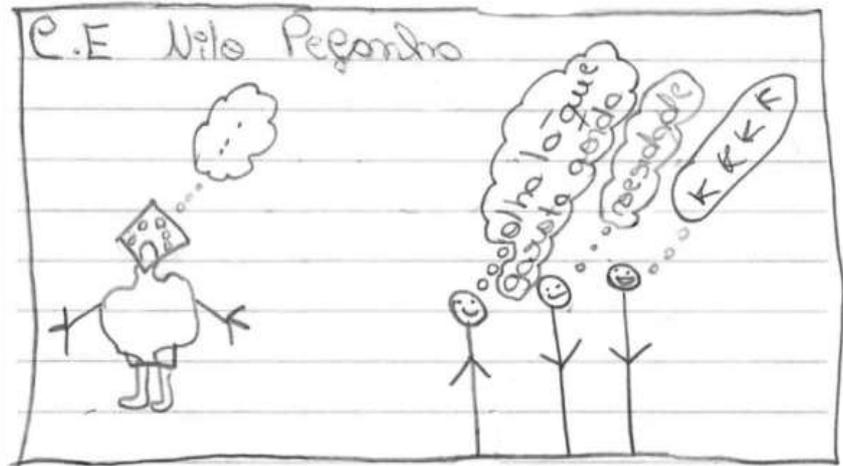


Imagem 24

Estando explícito através dos resultados, que a construção da paisagem oriunda de expressões de memórias pessoais e/ou coletivas situam o indivíduo no espaço através de estilos e formas singulares: uma visão de mundo não hegemônica e produtora de significações e reinterpretações a cerca do lugar. Transformando-o em expressão singular especializada, imaginada, que descreve e reinterpreta o mundo através de significados relacionados à realidade habitada (COLLOT, 2014) (SILVA, 2015) (Imagem 25).



Imagem 25

Logo, é possível afirmar que a produção do quadrinho frente ao ensino de geografia permite a exposição e reinterpretação por parte do estudante de um mundo associado ao lugar que habita. Tal posição leva a crer o resultado dessa ação como expressão de uma visão de mundo não hegemônica, que permite a construção e reinterpretação do espaço através de um sistema reconhecível de sinais que expressam experiências individuais ou coletivas. (Imagem 26) (BRUNETTI, 2013).

Mostrando que as pessoas são envoltas por relações afetivas – topofílicas – com o lugar. Mais também são norteadas a posicionar-se a partir de regimes de visibilidades que as privam dessas relações através da imposição da paisagem do medo.



Imagem 26

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Foi possível vivenciar que a produção de quadrinhos em sala de aula, a partir da relação com o ensino de geografia permite reinterpretar o espaço e consequentemente reconstruí-lo. Sendo uma metodologia de ensino que, quando aplicada de forma crítica, vem a romper com a lógica do sistema vigente.

Geografia, que como visto, consiste na leitura do mundo a partir da construção do conhecimento crítico e na forma que os fenômenos humanos são dados no espaço geográfico, destacando suas potencialidades, possibilidades, sentimentos criativos e intuitivos (HOLZER, 1997; MARANDOLA JR., 2010). Calcados nas inúmeras formas de experienciar os lugares, variando de acordo com suas percepções, recordações e imaginações intencionadas (TUAN, 1983).

Lugar, como debatido, é associado ao sentimento de valor dado pelo indivíduo como sujeito e agente do espaço. Sendo suas atitudes; espelho de interesses e valores pessoais que refletem a visão de mundo de cada um. Possuidores de experiências pessoais, e, realidades locais e globais que devem ser compreendidas pela visão de quem a significa (OLIVEIRA, 2013; HOLZER, 2000). Porque expõe um mundo realizado a partir da existência expressa pela singularidade de seus significados e significantes mutáveis, relacionando-se com o indivíduo a ponto de posicioná-lo no espaço que está inserido (DARDEL, 2015).

Posicionamento que é dado por várias formas e uma delas é a topofílica. Contudo, percebeu-se, na maioria das produções, que tal envolvimento entra em choque nitidamente com a realidade imposta a cada estudante envolvido. No que consiste à produção, pode ser vista uma ação com caráter político que insere o estudante no processo de ensino e aprendizagem a partir da tolerância de seu saber. Mais como demonstrado, são mediados por regimes de visibilidade que distanciam o indivíduo de sua relação topofílica com o lugar.

Logo, ao ver os quadrinhos a partir de sua produção no ensino de geografia é coerente entendê-los como expressões das realidades e instrumento de leitura do espaço que permite, a partir da produção artística e literária, uma aproximação concreta, afetiva e simbólica com o lugar habitado. Uma representação do espaço que

corresponde à determinada prática literária ou artística, expondo uma diversidade cultural e territorial, manifestadora de formas globais e locais de se expressar que descrevem e reescrevem o espaço geográfico. Mostrando que as expressões artísticas não são mediadas apenas por conceitos estéticos como também por experiências intencionadas para com o lugar e espaço.

REFERÊNCIAS

ADAS, Melhem. **Expedições geográficas**. 8º ano. 2. ed. São Paulo: Moderna, 2015.

_____. **Expedições geográficas**. 9º ano. 2. ed. São Paulo: Moderna, 2015”.

AMARAL, Tamara Suzan do; CARVALHO, Ana Beatriz Fontes de; RIBEIRO, Maria Aparecida. **História em quadrinhos no processo de ensino e aprendizado do basquetebol**. Coleção Pesquisa em Educação Física. V. 13. Várzea Paulista: Fontoura, 2014, p. 83-90.

BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros curriculares nacionais: história, geografia**. Brasília: MEC/SEF, 1997. Disponível em: <<http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/livro051.pdf>>. Acesso em: 10 set. 2018.

BRUNETTI, Ivan. **A arte de quadrinizar: filosofia e prática**. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2013.

CABRAL, Luciana Ferrari Espindola. **Viroses em quadrinhos**: uma estratégia para o ensino de ciências. Revista da SBEnBio, n. 9, 2016. Disponível em: <<http://www.sbenbio.org.br/wordpress/wp-content/uploads/renbio-9/pdfs/2540.pdf>>. Acesso em: 10 set. 2018.

CAPEL, Horacio. **Filosofia y ciência en la geografia contemporânea**: nueva edición ampliada. Barcelona: Ediciones del Serbal., 2012.

CAVALCANTI, Lana de Souza. Espaços da cidade e jovens escolares: porque é tão importante conhecer a espacialidade desses sujeitos de aprendizagem geográfica? In: **Educação geográfica**: temas contemporâneos. Salvador: EDUFBA, 2017, p. 147-169.

COLA, César. **Ensaio sobre o desenho infantil**. 3. ed. Vitória: EDUFES, 2014.

COLLOT, Michel. **Pour une géographie littéraire**. Paris: Éditions Corti, 2014.

COSTA, Rafael; TONINI, Ivaine. **As histórias em quadrinhos como construção da leitura geográfica**. Porto Alegre: ENG, 2012.

DARDEL, Eric. 1899-1967. **O homem e a terra**: natureza da realidade geográfica. Trad. HOLZER, Werther. São Paulo: Perspectiva, 2015.

DORFMAN, Ariel; MATTELART, Armand. **Para ler o Pato Donald**: comunicação de massa e colonialismo. 6. ed. São Paulo: Paz & Terra, 2010.

EISNER, Will. **Narrativas gráficas de Will Eisner**. Trad. DEL MANTO, Leandro Luigi. São Paulo. Devir, 2005.

_____. **Quadrinhos e arte sequencial**. 3. ed. São Paulo. Martins Fontes, 1999.

ESTEVIÃO, Ana Paula Sodré da Silva; COSTA, Marco Ant nio F. **História em quadrinhos**: uma estratégia para o processo ensino-aprendizagem do tema "lixo eletr nico". In: Revista Práxis, v. 8, n. 1 (sup): Ludicidade no Ensino de Ciências, 2016.

FREIRE, Paulo. **A importância do ato de ler**: em três artigos que se completam. São Paulo: Autores Associados, Cortez, 1983.

_____. **Educa o como prática de liberdade**. 8^a ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1978.

_____. **Pedagogia da tolerância**. 2. ed. Rio de Janeiro: Paz & Terra, 2014.

_____. **Pedagogia do oprimido**. 63. ed. Rio de Janeiro/São Paulo: Paz & Terra, 2017.

_____; GUIMARÃES, Sérgio. **Aprendendo com a própria história**. São Paulo: Paz e Terra, 2011.

GOMES, Paulo César da Costa. **Geografia e modernidade**. 10. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2011

_____. **O lugar do olhar**: elementos para uma geografia da visibilidade. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2013.

_____. **Quadros geográficos**: uma forma de ver, uma forma de pensar. 1^a ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2017.

_____; G IS, Marcos Paulo Ferreira de. A cidade em quadrinhos: elementos para a análise da espacialidade nas histórias em quadrinhos. In: **Revista Cidades**. V. 5, n. 7. São Paulo: Presidente Prudente, jul./dez. 2008.

_____; RIBEIRO, Letícia Parente. **A produ o de imagens para a pesquisa em geografia**. Espaço e Cultura, UERJ, RJ, N  33, p. 27-42, jan/jun de 2013.

HOLZER, Werther. **A geografia humanista**: sua trajetória. Londrina: Eduel, 2016.

_____. Cozinhas e comida caseira: Pratos com peixe e paisagens de Restinga. In: **Revista Geograficidade**. V. 2, n. 1, Verão 2012.

_____. Memórias de viajantes: paisagens e lugares de um novo mundo. In: **Revista GEOgraphia**. ano II, n. 3, 2000.

_____. O Lugar na Geografia Humanista. In: **Revista Território**. ano IV, n. 7. Rio de Janeiro, jul./dez.1999, p. 67-78.

_____. Uma discussão fenomenológica sobre os conceitos de paisagem e lugar, território e meio ambiente. In: **Revista Território**. Ano II, n. 3, jul./dez. 1997.

MACEDO, Helenize Carlos de. Refletindo sobre o espaço vivido: o lugar na construção dos conhecimentos geográficos. In: **Revista brasileira de educação em geografia**. V. 5, n. 10, Campinas, jul./dez. 2015.

MARANDOLA JR., Eduardo. Fenomenologia e pós-fenomenologia: alternâncias e projeções do fazer geográfico humanista na geografia contemporânea. In: **Revista Geograficidade**. v. 3, n. 2, inverno 2013.

_____. Heidegger e o pensamento fenomenológico em geografia: sobre os modos geográficos de existência. In: **Revista Geografia**. v. 37, n. 1, Rio Claro - São Paulo, jan./abr. 2012, p. 81-94.

_____. Humanismo e arte para uma geografia do conhecimento. In: **Geosul**. V. 25, n. 49, Florianópolis, jan/jun. 2010, p. 7-26.

_____. Identidade e autenticidade dos lugares: o pensamento de Heidegger em Place and Placelessness, de Edward Relph. In: **Revista Geografia**, v. 41, n. 1, Rio Claro, jan./abr. 2016, p. 5-15.

_____; OLIVEIRA, Livia de. Geograficidade e Espacialidade na Literatura. In: **Revista Geografia**. V. 34, n. 3, Rio Claro, set./dez. 2009, p. 487-508.

MARTINS JR., Luiz; MARTINS, Rosa Elisabete Militz Wypczynski. Construção do conceito de lugar em interface com uma geografia escolar inclusiva. In: **Educação geográfica: temas contemporâneos**. Jussara Fraga Portugal (organizadora). Salvador: EDUFBA, 2017, p. 131-147.

MAZUR, Dan; DANNER, Alexander. **Quadrinhos** – história moderna de uma arte global. 1. Ed. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2014.

MCCLOUD, Scott. **Desvendando os quadrinhos**. Trad. Helcio de Carvalho: Marisa do Nascimento Paro. São Paulo: Makron Books, 1995. Disponível em: <<https://introducaocomunicacao.files.wordpress.com/2012/11/desvendando-quadrinhos-intro.pdf>>. Acesso em: 10 set. 2018.

_____. **Reinventando os quadrinhos**. São Paulo: M. Books do Brasil Editora Ltda., 2006.

MENDONÇA, Marcio; REIS, Luis. **História em quadrinhos**: um campo recente da pesquisa em geografia sobre conflitos. n. 27, Rio de Janeiro: Geo UERJ, 2015, p. 98-119.

MENDOZA, Josefina Gómez; JIMÉNEZ, Julio Muñoz; CANTERO, Nicolás Ortega. **El pensamiento Geográfico**: Estudio interpretativo y antología de textos (De Humbolt a las tendencias radicales). Alianza Editorial - Universidad Textos, 1994.

MORAGAS, Rosana Alvez Ribas; ALVES, Glória Anunciação. **(Re)significar o “lugar” no ensino de geografia por meio da leitura de cora coralina**. XI - Encontro Nacional da ANPEGE. São Paulo: UNESP, 2015.

NASCIMENTO, Taiane Flores do; COSTA, Benhur Pinós da. Fenomenologia e Geografia: teorias e reflexões. In: **Geografia, Ensino & Pesquisa**. V. 20, n. 3, 2016, p. 43-50.

OLIVEIRA, Livia de. Metodologia de ensino da Geografia In: **Caderno de Geografia**. PUC Minas. V. 9, n. 13, jul. 1999, p. 21-24.

_____. **Novos desafios na formação do professor de Geografia**. In: Geografares, n. 4, Vitória, 2003.

_____. Percepção da paisagem geográfica: Piaget, Gibson e Tuan. In: **Revista Geografia**. V. 25 (2): 5-22, Rio Claro, São Paulo, ago. 2000.

_____. Que é geografia. In: **Revista Sociedade & Natureza**. V. 11 (21 e 22): 89-95, Uberlândia, jan/dez, 1999.

_____. O sentido do lugar. In: **Qual o espaço do lugar?** geografia, epistemologia, fenomenologia. Org. Eduardo Marandola Jr., Werther Holzer, Livia de Oliveira. São Paulo: Perspectiva, 2014.

_____. Sentidos de lugar e topofilia. In: **Revista Geograficidade**. V. 3, n. 2, inverno 2013.

PINHEIRO, Robinson Santos. O espaço literário: apontamentos para o diálogo entre geografia e literatura. In: **Revista Geografares**, n. 14, p. 72-83, junho, 2013.

RAMA, Angela *et al.* **Como usar as histórias em quadrinhos na sala de aula**. 4. ed. 2. reimpressão. São Paulo: Contexto, 2014.

RELPH, Edward. Reflexões sobre a emergência, aspectos e essência de lugar. In: **Qual o espaço do lugar?** geografia, epistemologia, fenomenologia. Org. Eduardo Marandola Jr., Werther Holzer, Livia de Oliveira, São Paulo: Perspectiva, 2014.

SACRAMENTO, Ana Claudia Ramos. A produção de jogos na formação docente: material didático e ensino de Geografia. In: **Educação geográfica: temas contemporâneos**. Org. Jussara Fraga Portugal. Salvador: EDUFBA, 2017, p. 221- 235.

SANTOS, Clézio. A geografia no ensino médio e o uso das histórias em quadrinhos na questão étnico racial. In: **Revista GeoPantanal**. n. 17, UFMS, Corumbá/MS, jul./dez., 2014, p. 161-173.

SANTOS, Tais Conceição dos; PEREIRA, Elienae Genésia Corrêa. Histórias em quadrinhos como recurso pedagógico. In: **Revista Práxis**. Ano V. N. 9. Jun. 2013.

SOKOLOWSKI, Robert. **Introdução à fenomenologia**. 4. ed. Trad. Alfredo de Oliveira Moraes. São Paulo: Loyola, 2014.

SOUZA, Vinicius. **A geográfica “contada” em quadrinhos: um relato de uma experiência profissional**. São Paulo: Universidade Estadual Paulista: Núcleo de Educação à distância, 2013.

TUAN, Yi-Fu. **Espaço e lugar: a perspectiva da experiência**. Trad. Livia de Oliveira. São Paulo: DIFEL, 1983.

_____. **Paisagens do medo**. Tradução Livia de Oliveira. São Paulo: UNESP, 2005. [1979] p. 7-57; 231-347.

_____. **Topofilia: um estudo da percepção, atitudes e valores do meio ambiente**. Trad. Livia de Oliveira. Londrina: Eduel, 2012.